

Projeto “Teatro de Fantoches – Biodiversidade Urbana”

MEMÓRIA DESCRITIVA

O presente projecto insere-se dentro da temática proposta, tendo sido desenvolvido numa perspectiva didáctica e de acordo com os objectivos traçados, aproveitando toda a margem de criatividade permitida e juntando algumas pitadas de humor e de ciência à matriz ecológica de base.

Tem-se em vista estimular o aumento da literacia geral em relação à:

- 1) importância de assegurar a sustentabilidade dos ecossistemas na zona periurbana do Vale do Baixo Mondego (Parte 1 da peça);
- 2) importância de sensibilizar e de informar para as novas dinâmicas da biodiversidade na zona urbana de Coimbra (Parte 2 da peça).

As personagens principais que integram ambos os Actos da peça são dois ratos. Trata-se de uma tentativa de recriar - num espaço e tempo completamente diferentes - a tradicional história infantil **“O Rato do Campo e o Rato da Cidade”**, duas personagens bem conhecidas por várias gerações. Tal como noutras histórias de família (e até na Matemática..) acontece que nesta peça os dois ratos são primos entre si.

Manuel foi o nome escolhido para o nosso Rato do Campo.

Apresenta como características distintivas uma grande agilidade, alguma esperteza saloia e “capacidade de desenrascanço”. O Rato Manuel será o nosso agente de transmissão da mensagem principal, que é a importância de conhecer, defender e valorizar a nossa rica biodiversidade natural.

Apesar de rimar em nome com o seu primo Manuel, a verdade é que o Rato Doutel é uma personagem completamente diferente. Colocando-se bem acima de qualquer outro vulgar rato de cidade, Doutel constitui um “special one” no universo dos roedores da Cidade dos Doutores.

Doutel prefere mesmo não ser tratado pelo nome próprio e de baptismo, mas sim por “Doutor Doutlet” (escreve-se por extenso e pronuncia-se com ligeiro sotaque francês, *bien entendu* !). Compreende-se: é o mínimo devido a um erudito Rato de Biblioteca, detentor do grau académico de “Doutor em Letras” conferido pela Universidade de Coimbra.

Verteu-se no Rato Doutel um certo estereótipo de elemento citadino da alta sociedade académica coimbrã. É em Coimbra que o Rato Doutel reside na maior parte do ano, com excepção da primeira quinzena de Setembro, passada no Vale do Baixo Mondego na companhia do primo.

Ao contrário do primo Manuel que prefere uma boa cerveja acompanhada de tremoço da produção nacional, Doutel tem preferência por matérias exóticas, como seja um “brandy velho” acompanhado por pistáceos. Para ele, quase tudo o que vem do estrangeiro, aliás, é sempre de qualidade superior ao melhor produto nacional.

Parte I

A primeira parte da peça tem como cenário os campos do Baixo Mondego na zona de Tentúgal, onde reside Manuel, o rato do campo. Esta parte decorre na primeira metade do mês de Setembro, fase de grande azáfama na colheita dos cereais, ficando os campos semi-vestidos da palha dourada do arroz carolino e dos labirintos de colmos de milho, fantásticos para certas “ratices” dos dois primos.

Esta primeira parte conta com a participação de uma terceira personagem, com funções de narrador, o espantalho Carolino que, durante toda a campanha, montou guarda aos campos de arroz (do tipo carolino, que curiosa coincidência...).

O Verão está a despedir-se um pouco mais cedo a cada novo fim de dia. Aproxima-se o fim das férias. Apesar de iletrado, o Rato do Campo é quem sabe interpretar os sinais do fumo do fim de festa: é que as folhas que ainda vestem o aprumado perfil destes choupos ribeirinhos são como pequenas velas que ensaiam a despedida dos seu esbeltos candelabros..

Outros sinais (sonoros e não de fumo..) anunciam a abertura solene do ano académico em Coimbra fazendo o Rato Doutel regressar à cidade dos doutores. Todos os anos, esta despedida é um momento envolto em mistério. Mas desta vez, o Rato do Campo decide que é altura de esclarecer a situação. Para tal, terá de aceitar o convite do primo para ir passar o Natal a Coimbra.

Parte II

A segunda parte da peça tem por cenário a zona urbana da cidade de Coimbra, onde reside Doutel (ou Doutor Doutlet, como prefere ser chamado o nosso rato doutorado em letras) e decorrerá a partir da época natalícia.

Não é que o Manuel, o nosso rato do campo, tivesse grande vontade de mudar de ecossistema. Mas a verdade é que se encontrava numa situação complicada porque os campos do Mondego estavam completamente alagados, com a chuva intensa daquela semana de dezembro. Sabendo que o primo Doutel morava numa zona alta da cidade de Coimbra, certamente ali estaria a salvo das inundações que assolavam o seu *habitat*.

E assim, por força das graves intempéries do final do ano, na segunda parte da peça, o palco das operações passa para o meio urbano da cidade de Coimbra e há que encontrar a melhor base operacional para as nossas personagens. Convenhamos que dificilmente poderia agora ser outra que não o Jardim Botânico da Universidade, o principal santuário de biodiversidade no espaço urbano da cidade.

É neste Jardim especial que reside e trabalha (como bolseira e precária..) a pequena abelha Polis, uma personagem nova e muito trabalhadora como todas as abelhas (embora também faça alguma cera..). É a partir do Jardim Botânico e com esta nova narradora que se inicia uma visita guiada pela cidade de Coimbra, com olhares algo diferentes daqueles que costumamos ter, na busca de novos conhecimentos nestas temáticas da biodiversidade em espaço urbano.

Lista de alguns dos materiais usados :

Cavalete de madeira - estrutura de suporte ao cenário em placa de K-line, fita de velcro, Retalhos de feltro, tecidos e sarapilheira, cortiça, algodão, botões, arame.

Pequenos paus, troncos e uma pinha (o ninho das vespas asiáticas).

Cola quente multi-usos, cola líquida UHU universal e cola vinílica UHU "Arts & Crafts", elásticos e pioneses,..

Bagos de arroz carolino (da variedade Aríete, muito bem adaptada aos solos e clima da região do Vale do Baixo Mondego), espigas e grãos de milho.

Coimbra, 29 de maio de 2020